

## **Tese Cutista**

### **TESE DE ORGANIZAÇÃO SINDICAL**

#### ***Em defesa da união dos trabalhadores e trabalhadoras***

**A proposição de desfiliação à Central Única dos Trabalhadores – CUT aposta no atraso, investe na fragmentação do movimento sindical, fortalece ainda mais o corporativismo, enfraquece a possibilidade de construção de Centrais Sindicais fortes e representativas no país, além de ser inoportuna e desnecessária.**

#### **A CUT HERDOU A TRADIÇÃO DE ORGANIZAÇÃO, DE LUTA POR DIREITOS E AMPLIAÇÃO DA DEMOCRACIA**

1. Em suas origens, o movimento sindical brasileiro abraçou com determinação a luta pela ampliação dos direitos e a construção de um país democrático, justo e inclusivo. Apesar da dispersão geográfica, das diferenças de nacionalidades e das divisões ideológicas que marcaram os trabalhadores e trabalhadoras no início do século XX, quando o país engatinhava rumo à industrialização, estes souberam construir organizações sindicais que aglutinaram diversas categorias profissionais e colocaram na agenda política daquela época questões como a diminuição da jornada de trabalho, adoção de regras para contratação de menores e de mulheres, além das tradicionais lutas em torno do reconhecimento da organização sindical, da melhoria salarial e das condições de trabalho, entre tantas outras. Como exemplo dessas organizações, podemos citar o Primeiro Congresso Operário Brasileiro (COB) e as Federações de Operários que se espalharam nos diversos estados do país.
2. Na realidade, os trabalhadores e trabalhadoras procuravam transpor para o Brasil as experiências operárias desenvolvidas ao longo do século XIX. À época, já se sabia que a construção de Centrais Sindicais fortes, politicamente definidas e com capacidade de desenvolver identidade de classe, era algo fundamental para enfrentar a exploração capitalista. Os segmentos mais avançados da luta dos trabalhadores já haviam compreendido que, sem organizações sindicais amplas, que

congregassem diferentes categorias profissionais, não se superaria o “espírito de corpo” e não se desenvolveria uma verdadeira consciência de classe. Além disso, sabiam plenamente que a união dos trabalhadores e trabalhadoras era a primeira condição para conter a exploração do trabalho e instaurar uma sociedade socialista.

3. Essa compreensão de sindicalismo marcou a história dos defensores da unidade sindical e da luta cidadã dos trabalhadores e trabalhadoras em vários momentos devido à união entre os trabalhadores do campo e da cidade, à conquista do voto feminino, à resistência a uma concepção de sindicalismo atrelado ao Estado, à luta “O PETRÓLEO É NOSSO”. Vale ainda destacar a criação do Movimento Unitário de Trabalhadores (MUT), a resistência à ditadura militar pós-1964, o surgimento da Articulação Nacional do Movimento Popular e Sindical (ANAMPOS) e a 1ª. Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras (CONCLAT).
4. A CUT, fundada em agosto de 1983, pelos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros, urbanos e rurais de diferentes regiões do país, herdou essa tradição de lutas. Para se constituir enquanto Central Sindical e renovar o sindicalismo brasileiro, teve que enfrentar os sindicatos de cartório e negociatas, também conhecidos por pelegos. De forma inédita, a CUT construiu um sindicalismo que não apenas reivindicava a democracia na sociedade, mas procurava vivenciá-la em suas relações internas, através da ampliação da participação e da criação de métodos de decisão em suas organizações e fóruns. Diferentemente das experiências de organização sindical anteriores no Brasil, a CUT, desde o início, defendeu um sindicalismo de massa, organizado na base e autônomo. A convivência plural com todas as forças políticas que demonstravam alguma identidade com o ideário da CUT também se tornou um valor a ser constantemente perseguido e renovado.
5. Ao longo desses anos, a CUT e seus sindicatos filiados ou próximos ampliaram consideravelmente o patamar de direitos dos trabalhadores, protagonizando importantes conquistas relacionadas com a construção democrática e o desenvolvimento econômico do nosso país. Na

verdade, não se pode fazer referência a nenhum avanço político, econômico e cultural da sociedade brasileira, nas últimas três décadas, sem, obrigatoriamente, mencionar o novo sindicalismo, representado pela CUT. E, com certeza, esse sindicalismo combativo contribuiu enormemente para recolocar todos aqueles que vivem do trabalho no lugar de sujeitos políticos, algo permanentemente negado na trajetória autoritária do Brasil.

6. Sabemos que o combate à exploração e o aperfeiçoamento civilizatório é um processo permanente. Nesse sentido, a CUT não apenas herdou uma tradição, mas se coloca na vanguarda, juntamente com outras Centrais e organizações sindicais, na defesa de temas que estão relacionados com o futuro, entre os quais se destacam: a defesa da redução da jornada de trabalho, a adoção das Resoluções 158 e 151 da OIT e o combate permanente de políticas que tentam flexibilizar as relações de trabalho, além de debater questões relacionadas com o desenvolvimento do país (crescimento econômico sustentável, geração de empregos, elevação do salário mínimo, entre outros).

### **A CONTEE SURTIU SOB O SIGNO DESTE NOVO SINDICALISMO**

7. Em novembro de 1990, um conjunto de entidades sindicais de trabalhadores e trabalhadoras em estabelecimentos de ensino, realizou, em Praia Grande - no mesmo lugar onde os trabalhadores brasileiros, no início dos anos 1980, encontraram-se para forjar as bases do novo sindicalismo –, a Primeira Plenária que lançou os fundamentos para criação da Confederação do nosso setor. Na principal faixa que ornamentou essa plenária, estava consignado um dos nossos valores: “CONSTRUINDO A UNIDADE POLÍTICA E ORGÂNICA DOS TRABALHADORES”. Para firmar esse compromisso e identificação, meses depois, na cidade de Guarapari, no Espírito Santo, 500 delegados e delegadas fundaram a CONTEE e aprovaram a sua filiação à CUT. No próprio ato de fundação, massivo e democrático, com a presença de inúmeros Sindicatos, Federações e outras entidades

nacionais, demonstramos que estávamos formando uma Confederação diferente da cultura imobilista e cupulista do conjunto das Confederações.

8. De pronto e seguindo o exemplo de suas entidades sindicais de base, a CONTEE abraçou a defesa do ensino público e de qualidade e a luta pela regulamentação e melhoria das condições salariais e de trabalho, como elementos estratégicos das suas futuras lutas. A CONTEE foi fundada em uma conjuntura de hegemonia do projeto neoliberal. Juntamente com outras entidades sindicais se posicionou contra todas as medidas neoliberais e seus representantes políticos. Encorajou suas entidades a participar do movimento *Fora Collor*, esteve à frente de protestos contra a privatização, o desemprego e a flexibilização de direitos. Participou dos fóruns de políticas públicas em âmbito nacional, defendendo, em especial, a reforma na LDB, a partir das posições estabelecidas pelos fóruns participativos da sociedade brasileira, estimulando suas entidades a também valorizarem a ocupação dos espaços institucionais, onde transitam discussões e deliberações de políticas públicas na área da educação. Defendeu com coragem a importância de ampliação do controle social das instituições de ensino privado. Mais recentemente, vem se contrapondo às políticas que querem reduzir a educação em mercadoria, afirmando o princípio de que EDUCAÇÃO é um BEM PÚBLICO.
9. Ao longo desses anos de existência, as forças políticas e as entidades sindicais articuladas à nossa Confederação estabeleceram um padrão de convivência que prima pelo debate de ideias, pela construção de propostas e respeito às decisões coletivas, tomadas pelos fóruns decisórios da Contee. Finalmente, essa identificação das nossas lutas com as dos trabalhadores e trabalhadoras identificados com a CUT não desabona a nossa história, pelo contrário, engrandece-a, fortalecendo nossa entidade.

**O FORTALECIMENTO DE CENTRAIS SINDICAIS EM ÂMBITO NACIONAL E INTERNACIONAL É UMA EXIGÊNCIA DA ATUAL ETAPA DA LUTA CONTRA O CAPITALISMO GLOBALIZADO**

10. Nas últimas décadas, o capitalismo intensificou a sua tendência de globalização. Constantemente somos informados do surgimento de grandes aglomerados econômicos que ultrapassam as fronteiras nacionais. Por outro lado, a produção e os serviços cada vez mais se desterritorializam, em busca da ocupação de mercados e rebaixamento dos custos através da exploração acentuada da força de trabalho. Além disso, a predominância do capital financeiro tem provocado constantes crises, como a que vivemos atualmente. Todos esses movimentos, de uma forma ou de outra, acabam se reproduzindo no campo da educação, na medida em que o capital tenta transformá-la em uma mercadoria global e inseri-la no circuito dos investimentos financeiros. Portanto, o desafio de sindicalismo sintonizado com o futuro e engajado seriamente na defesa dos direitos dos trabalhadores não se constrói pelo isolamento, mas sim pelo fortalecimento das organizações sindicais amplas, em âmbito nacional e internacional. Mundialmente, o sindicalismo tem optado por estabelecer movimentos convergentes e evitado a fragmentação. Logo, circunscrever a defesa dos direitos dos trabalhadores às fronteiras nacionais e ao interior das categorias é um equívoco lastimável que devemos evitar.

11. A CONTEE não pode assumir proposições que estejam em direção contrária ao esforço que os trabalhadores e as trabalhadoras realizam mundialmente. Uma entidade de envergadura nacional e da nossa estatura não pode cometer o equívoco de se desfiliar da CUT em nome de uma falsa independência ou neutralidade. Não pode emitir sinais de desagregação às nossas bases nem passar uma mensagem de desunião. Ao contrário, deve assumir uma postura de engajamento na luta dos trabalhadores de todo o mundo.

12. A CONTEE tem intensificado sua atuação no âmbito internacional. Filiada à Confederação de Educadores Americanos (CEA) e à Internacional da Educação – IE, a CONTEE tem participado de inúmeros seminários internacionais, encontros de formação, congressos regionais

e tem disseminado sua experiência na organização dos trabalhadores do setor privado da educação, a luta conjugada em defesa da educação pública e regulamentação do setor privado, que não encontra paralelo em nenhum lugar do mundo. Somos a maior entidade que congrega trabalhadores em educação do setor privado e que tem como princípio a defesa da educação como bem público, direito de todos e dever do Estado. O processo de privatização da educação, de diminuição do papel do Estado, de inserção do capital transnacional na educação, de precarização das condições de trabalho tem se disseminado no continente americano, como também na Europa, que, até poucas décadas, desenvolveu seu projeto educacional a partir da educação pública. A intenção no âmbito da OMC de considerar a educação como um serviço e não um direito também é uma luta que não cabe a um único país e merece a unidade internacional na luta pela sua inviabilização. Ao participar das atividades desenvolvidas tanto pela CEA quanto pela IE, introduzimos um novo item na pauta internacional de luta dos/as trabalhadores/as em educação: a necessária regulamentação do setor privado e a não mercantilização da educação.

### **QUEM DEFENDE A DESFILIAÇÃO?**

13. Entendemos que hoje há outro cenário de disputas no movimento sindical. Já em 2007, a Corrente Sindical Classista (PCdoB) rompe com a CUT para construir sua própria central. Esse agrupamento político já tinha cometido outro erro de igual monta, em sentido inverso, quando, em 1983, recusara-se a fundar a CUT, mantendo uma aliança com o sindicalismo pelego e atrelado. Erraram na década de 1980 por apostar na unidade com setores reacionários com os quais não era possível ter nenhuma identidade política; erraram em 2007 por atacar a unidade arduamente construída entre os setores sindicais progressistas e de esquerda num momento histórico crucial para a classe trabalhadora.
14. E insistiram novamente, em 2011, ao privilegiarem, mais uma vez, construir um campo político comum com o sindicalismo pelego, expresso pela Força Sindical, fundada em 1991, com apoio político e financeiro do governo Collor para combater a CUT. Todas as experiências de centrais

sindicais criadas após a CUT tiveram o sentido de enfrentamento e contraposição à Central Única dos Trabalhadores. São resultados de divisões do movimento sindical. O agrupamento político que neste Congresso defende a desfiliação esteve junto por mais de uma década à CUT. Hoje, esse mesmo setor decidiu aumentar o número de Centrais Sindicais no país e, coincidentemente, propõe a desfiliação da CONTEE. Insuperável contradição: lutar pela organização dos trabalhadores em Centrais e defender a desfiliação da nossa entidade.

15. Esta proposta pode indicar uma desagregação de nossa Confederação, pois hoje vige a Portaria 186 do Ministério do Trabalho que abre também a possibilidade de reconhecimento das federações e confederações que se constituíram na prática sindical, independentemente da estrutura oficial e que hoje são legítimas representantes dos trabalhadores. Ainda, a Portaria 186 provocou alteração na dinâmica do movimento sindical, possibilitando o desmembramento de base territorial e de categoria nos sindicatos sem qualquer critério de representatividade. Isso vem provocando um fracionamento ainda maior das entidades, na contramão da proposta histórica da CUT de ampliação das bases de representação a partir da construção de sindicatos por Ramo e da ampliação da base territorial.
16. É preciso reconhecer que essas mudanças ocorridas no cenário sindical nos últimos anos aumentaram o poder e o controle do Ministério do Trabalho sobre a dinâmica do movimento sindical, através da manutenção do financiamento a partir do imposto sindical, da exigência do registro e da atualização no Cadastro Nacional de Entidades Sindicais, ferindo diretamente os princípios da liberdade e autonomia.
17. É nesse contexto que se insere a decisão da CUT de reafirmar sua histórica campanha pela criação de uma contribuição democrática como base para a sustentação das entidades sindicais, a taxa negocial, aprovada democraticamente pelos trabalhadores, substituindo o Imposto Sindical e pela Ratificação da Convenção 87, pela regulamentação da Convenção 158 da OIT, pela regulamentação da organização no local de trabalho e por uma legislação que ponha fim às práticas antissindicais. A CONTEE deve continuar nesse rumo de

articulação política na defesa dessas bandeiras históricas que são condição para mudar a estrutura sindical brasileira, contribuindo para a transformação das relações de trabalho, a partir das bases, rumo à consolidação de um Estado Democrático de Direito. Nesse sentido, deve envidar todos os esforços para manter a UNIDADE dos trabalhadores do ensino privado em nosso país.

18. Portanto, não nos resta outra alternativa senão julgar que se trata de uma manobra equivocada, que hoje propõe renegar a CUT, no argumento de que não estar filiado a nenhuma Central Sindical trará uma autonomia de ação e agregação maior. Ao contrário, poderá ser o estopim da divisão reinante no movimento sindical em nosso ramo de atividade. A CONTEE deve resistir com todas as suas forças a essa lógica.

19. O fato de a CONTEE ser filiada à CUT nunca serviu para operarmos uma política de exclusão ou de alinhamento automáticos das entidades sindicais. Ao longo destes anos, nenhuma entidade sindical do nosso setor foi obstada de participar das políticas e das instâncias da Confederação. Ao contrário, nossa cultura foi de apostar no convencimento político, na unidade dos diferentes, na formação de consensos possíveis em torno de questões que fortalecem a nossa identidade. Essa é a nossa experiência e é nesse caminho que devemos e queremos prosseguir. Foi assim que operamos nessa última gestão em que as entidades filiadas à CTB puderam participar de seus fóruns.

### **POR UMA CONTEE AINDA MAIS FORTE**

20. Propor a desfiliação da nossa Confederação da CUT é uma iniciativa desagregadora. É colocar-se na contramão da trajetória vitoriosa que coletivamente construímos ao longo destes anos. Essa disposição contradiz a história de consolidação da nossa entidade. História que nunca abriu mão de um posicionamento claro de defesa intransigente

dos trabalhadores, de luta por uma sociedade mais justa e solidária e de respeito às nossas diferenças.

21. Muito a nossa CONTEE deve avançar, especialmente na relação com as entidades filiadas. Diante dos nossos enormes desafios, não devemos eleger essa questão como centro do nosso Congresso. É só atentarmos para nosso plano de lutas e constataremos as grandes tarefas que temos pela frente. Tivemos disposição de construir uma solução que tornasse as questões educacionais e organizativas o centro do nosso debate. Entendemos que a defesa da estratégia da fragmentação do movimento sindical de luta, além de ser um retrocesso à luta dos trabalhadores, colabora com a estratégia do capitalismo.

22. Com a convicção e coerência que sempre nos guiou, com a clareza de propósitos que nos entusiasma, com o compromisso de classe que nos mobiliza e nos ganhou para a luta, defendemos, propomos e **destacamos para o VIII CONATEE quatro grandes desafios:**

- 1- Fortalecimento da CONTEE como uma entidade nacional.**
- 2- Valorização e aprimoramento das instâncias da entidade e sua direção colegiada.**
- 3- Manutenção de uma entidade nacional cada vez mais conectada com suas entidades de base.**
- 4- Construção de um debate político e plano de luta atualizado para a próxima gestão da CONTEE.**
- 5- Luta pela Hora-atividade de 1/3 da carga-horária dos professores do setor privado;**
- 6- Luta por melhores condições de trabalho e saúde dos trabalhadores em educação;**
- 7- Pela regulamentação do Ensino Privado;**
- 8- Limitação de número de alunos por turma;**

**9- Instituição de Plano de Carreira para os professores e técnicos administrativos na Educação Superior;**

**10- Contratação de professores no Sistema "S".**

Portanto, devemos, neste congresso, promover um debate qualificado que auxilie a nova direção da CONTEE na organização da política nacional que irá desenvolver neste próximo período.

**Assinam a tese ARTSIND e Sinpro-ABC.**